



## **A pandemia do Covid-19 e seu impacto social: algumas questões para a discussão - o mundo do trabalho**

Roberto Noritomi

Consultor técnico legislativo-sociologia e doutor em sociologia (USP)

Todos os direitos reservados. Este trabalho poderá ser reproduzido ou transmitido na íntegra, desde que citado (as) o (as) autor (as). Reproduções para fins comerciais são proibidas.

O conteúdo deste trabalho é de responsabilidade dos autores e não representa posicionamento oficial da Câmara Municipal de São Paulo ou da Consultoria Técnico Legislativa.



# **A pandemia do Covid-19 e seu impacto social: algumas questões para a discussão - o mundo do trabalho**

Roberto Noritomi  
Consultor técnico legislativo-sociologia e doutor em sociologia (USP)

Na primeira parte desse trabalho, procurou-se abordar o impacto da pandemia de modo mais abrangente, na economia e no Estado. Agora o enfoque vai se direcionar para o emprego e as relações de trabalho. De todo modo, é fundamental ter sempre como referência as mudanças apontadas anteriormente no modo de produção capitalista. São aquelas mudanças que lastreiam e determinam toda a reorganização da lógica de exploração do trabalho e da extração do mais valor.

## **Estrutura social e relações de trabalho**

Em toda sociedade estruturada em classes, definidas a partir do lugar ocupado pelos indivíduos na ordem produtiva, é bastante claro que as condições de vida sejam diferentes, e até antagônicas. Nesse sentido, o impacto da pandemia e da crise econômica já vem se dando, e se acentuará, de modo profundamente desigual, de acordo com a classe social. No caso da classe trabalhadora, no mercado formal e informal, e dos grupos pobres fora da atividade econômica, as consequências já estão sendo drásticas nas duas frentes, a sanitária e a do trabalho.

A partir dessas considerações, os analistas pesquisados apontam algumas perspectivas desse impacto, que poderão ser observadas a partir de vários ângulos.

### **1. Emprego e renda**

#### **1.1. Emprego**

O prognóstico é, evidentemente, de elevação das taxas de desemprego e queda de renda decorrente do trabalho. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, no começo do ano o desemprego já atingia mais de 190 milhões de pessoas, apresentando um prognóstico nada otimista<sup>1</sup>. Com a pandemia, a situação se agravará tremendamente. A estrutura de ocupação de força de trabalho já se encontrava precarizada e com altos níveis de informalidade (no Brasil e no mundo), e esse é um campo fértil para os impactos negativos da pandemia. Segundo dados da OIT, em seu quarto relatório de monitoramento, de 27 de maio de 2020, estima-se que ocorrerá o desaparecimento de 10,7 % das horas de trabalho no segundo quarto do ano, em relação ao último quarto do século 2019. Em termos absolutos, isso significaria uma perda de 305 milhões de horas (assumindo-se uma semana de 48 horas)<sup>2</sup>. Isso é válido para

---

<sup>1</sup> <https://news.un.org/en/story/2020/04/1061322>

<sup>2</sup> [https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms\\_745963.pdf](https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_745963.pdf)

o mercado formal, porque no caso da informalidade a situação se complica ainda mais, como já é esperado.

A redução dessas horas trabalhadas equivale inevitavelmente a uma alta taxa de desemprego, no entanto, a própria OIT considera que não é possível qualquer previsão<sup>3</sup>, pois o cenário depende de uma série de fatores ainda não identificáveis (reação das políticas estatais, dificuldades para procurar emprego com o isolamento etc). O economista Michael Roberts considera que um "retorno à normalidade" é uma miragem, pois "O desemprego ainda estará 20% acima da previsão anterior à pandemia. E esse é o "cenário ameno". Em um cenário mais grave, em que haveria uma segunda onda de infecção pelo novo coronavírus e outras restrições, o BCE prevê que a zona do euro ainda estará 9% abaixo do nível previamente esperado para 2022."<sup>4</sup>

Mas se não é possível dimensionar o volume, o que é fácil perceber é que o desemprego incidirá de forma mais severa entre as mulheres, os mais jovens, os idosos, os menos escolarizados e os grupos étnicos mais marginalizados. São esses segmentos sócio-demográficos que sofrerão o maior impacto, porque dependem de uma série de mecanismos afetados diretamente pela pandemia (educação e treinamento; ocupações domésticas e de cuidados pessoais; serviços em geral etc).

Em termos de abrangência, todos os setores sofrerão impacto indelével, mas, segundo a OIT, os mais atingidos serão aqueles relacionados à "economia criativa" (produção e difusão cultural e afins), às atividades de hospedagem, lazer e turismo, às redes do comércio varejista e ao transporte urbano.

Um detalhe é que os trabalhadores braçais, notadamente aqueles de atividades extremamente automatizadas e os do setor de serviços de limpeza, vão perder mais ocupação por conta da facilidade com que as empresas podem substituir suas funções por sistemas autônomos e robotizados. Isso reitera o prognóstico de que aqueles na base da pirâmide social vão ter suas ocupações ainda mais afetadas negativamente.

## 1.2. Renda

Sobre a renda, essa vai acompanhar necessariamente a queda do emprego. Essa é uma característica da economia capitalista, que segue buscando comprimir o volume salarial para a obtenção de taxas maiores de mais valor. No caso da crise, tanto a situação financeira das empresas quanto a gigantesca oferta de força de trabalho forçarão os valores salariais para baixo.

Um contingente enorme de trabalhadores desempregados, o chamado "exército industrial de reserva", pressionará para patamares baixíssimos os salários de setores mais frágeis da economia e contribuirá para ampliar as taxas de exploração do trabalho, tanto na formalidade quanto na informalidade (que será gritante).

---

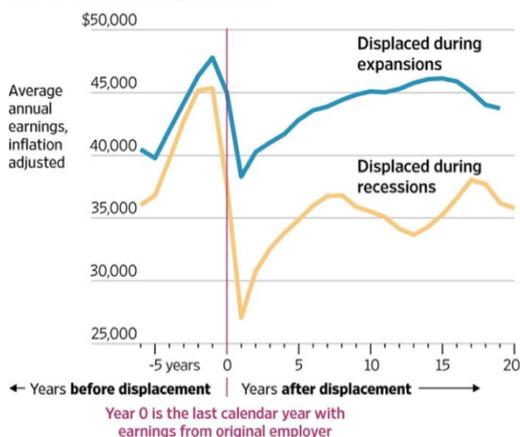
<sup>3</sup> <https://ilostat.ilo.org/topics/covid-19/covid-19-impact-on-labour-market-statistics/>

<sup>4</sup> ROBERTS, Michael. "Voltando ao normal?" <http://outroladodanoticia.com.br/2020/06/07/voltando-ao-normal-michael-roberts/>.

As demissões levarão, posteriormente, a recontrações com salários em geral menores. O economista Michael Roberts<sup>5</sup> mostra que, após períodos de crise econômica, as pessoas reempregadas normalmente não conseguem recuperar o padrão salarial anterior à crise.

### Wage Scarring

U.S. workers who are laid off earn less even decades later, especially if they lose their job during a recession.



O gráfico indica que os salários dos reempregados se mantêm por décadas muito abaixo, o que significa dizer que a cada crise a massa salarial fica menor. A longo prazo, observa-se que o poder aquisitivo segue em redução. Com salários baixos, a possibilidade de recuperação econômica é sempre uma incerteza. Algo semelhante pode ser projetado para o volume de massa salarial que será eliminado a partir da pandemia.

Outro fator, que será tratado mais à frente, que impactará negativamente os salários diz respeito à aplicação de novas tecnologias produtivas, que reduzirão as exigências de qualificação e os custos da atividade econômica, e isto conseqüentemente significará desvalorização da força de trabalho.

## 2. Novos padrões produtivos e precarização das condições de trabalho

Se as tendências de desemprego não são claras, por outro lado, é bastante certa que a situação pandêmica contribuirá para uma mudança substancial nas relações de emprego e nas condições de trabalho. Como já foi apontado no texto anterior, o processo de concentração e centralização de capital será uma das marcas da crise que advirá, e isso trará todo uma reposição da exploração da força de trabalho em novo patamar.

No que se refere ao tópico da exploração da força de trabalho, a tendência é bem nítida. É da própria lógica do movimento histórico da acumulação de capital a ampliação e intensificação dos procedimentos de extração de mais valor (lucratividade sobre a força de trabalho). O fenômeno da precarização do

<sup>5</sup> ROBERTS, Michael. "As cicatrizes econômicas da pandemia".

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Economia-Politica/As-cicatrizes-economicas-pos-pandemia/7/47417>

trabalho, em andamento há algumas décadas, reflete bem esse movimento e, com essa crise abissal, só tende a se impor de modo mais drástico e abrangente.

Nesse sentido, alguns pontos devem ser ressaltados no que se refere ao processo de trabalho:

- com a necessidade de maximização de recursos, as empresas aproveitarão a crise para a reorganização da estrutura e do processo de trabalho (“reengenharia”), o que implicará: cortes de vagas “excedentes”, acúmulo de trabalho por profissional, subcontratação com contratos temporários e prestação de serviços etc;
- as tecnologias de informação e comunicação, amplamente utilizadas durante a quarentena, vão consolidar e ampliar o teletrabalho em vários segmentos da atividade burocrática e criativa, o que levará a constituição de novas relações de emprego e trabalho;
- as novas relações de emprego vão se pautar pela ruptura de qualquer vínculo contratual (terceirização, quarteirização etc), tornando o trabalhador um prestador de serviços pago por empreitada (projetos, volume de atividades etc), com transferência dos custos produtivos para o trabalhador, eliminação de direitos trabalhistas e da perspectiva de carreira e acúmulo de experiência;
- as novas relações de trabalho vão acentuar o processo de exploração e extração de mais valor, pois os controles ficarão mais precisos e invasivos; as funções laborais serão altamente racionalizadas e metrificadas, de tal forma que o tempo produtivo será maximizado e acelerado em detrimento da saúde física e mental do trabalhador; o tempo produtivo se expandirá para todas as horas possíveis;
- o trabalho remoto permitirá a formação de várias unidades produtivas fora do espaço físico da empresa, o que significará redução de investimento em plantas de escritórios, equipamentos e pessoal administrativo de apoio (recepção, copa etc);
- a introdução de robôs tenderá a se generalizar, tanto no setor industrial quanto no de serviços e de comércio, e tal fato implicará numa subordinação cada vez maior do trabalhador ao ritmo da máquina. À medida que um ser humano interage com um autômato, prevalece a velocidade e a rotina do último em detrimento do primeiro;
- a “precarização” decorrente de todas essas alterações na organização do trabalho ocorrerá não apenas na área privada. Os serviços públicos acompanharão a onda, principalmente porque já há uma pressão grande no sentido de cortes orçamentários na área de recursos humanos. Isso aponta para a redução, até a eliminação propriamente, dos concursos e o recrutamento para o serviço civil por meio de terceirizados, subcontratados e afins em todas as esferas. A aposentadoria em massa no setor público, que já vem ocorrendo desde o período de reforma previdenciária, terá um peso importante nesse processo.

###